

BERNARDO SASSETTI A ARTE COMO LIBERDADE

COM UMA OBRA INVULGARMENTE RICA E DIVERSIFICADA, BERNARDO SASSETTI VIVIA COM ENTUSIASMO TODOS OS PROJETOS EM QUE SE ENVOLVIA. HÁ AINDA MUITO PARA REDESCOBRIR NO SEU LEGADO

✎ POR JOÃO MOÇO



INACIO VICAR / 1980

EM CRIANÇA, Bernardo Sasseti chegou a cantar no coro do Teatro Nacional de São Carlos. Desde cedo que não perdia ali uma ópera. A herança familiar deu-lhe a possibilidade de ter em tenra idade aulas particulares de piano clássico. Mas o contacto na adolescência com os primos Moreira fez de Sasseti um músico não mais se dissociasse da liberdade do jazz, ainda que nunca se limitando somente a esta linguagem. Antes pelo contrário. A vasta e diversificada obra que deixou, que vai da música para cinema, teatro, bailado, às relações com literatura, à canção pop e ao fado, isto sem mencionar o trabalho na fotografia e no cinema, são o espelho dessa permanente produção criativa.

Em conversa com o DN, a propósito da criação da Associação Casa Bernardo Sasseti, a atriz Beatriz Batarda, viúva do pianista, lembra como "o amor e o fascínio [do pianista] pela

música era tão abrangente e isso é tão raro, principalmente no nosso país, ainda muito segmentado e rígido na forma como cataloga tudo. O Bernardo sempre viu a arte e a música como manifestação de liberdade".

E viveu-a com um intenso entusiasmo. Não haja receio de afirmar perentoriamente que Bernardo Sasseti foi dos mais brilhantes compositores e intérpretes que a música portuguesa (ou melhor, que a música, ponto final) conheceu nas últimas décadas. Era conhecido o seu empenho e entrega na música para cinema, porque apesar das dificuldades do meio, não baixava os braços quando o entusiasmo lhe batia à porta.

Aliás, a propósito do lançamento da banda sonora do filme *Um Amor de Perdição* (2009), de Mário Barroso, Bernardo Sasseti dizia ao DN: "Quando me entusiasmo não tenho medo". Ainda que seja uma das suas faces mais mediáticas, a verdade é que a obra do pianista extra-

vasa em muito a composição para cinema ou o jazz. Teve um percurso muito pouco convencional ou dado a catalogações estanques. "Há um complexo na cabeça de alguns músicos que dizem fazer uma música especial. A música, quando é bem feita, é tão boa em qualquer meio. Sobretudo aquela música que traz algum risco, que é o que acho que falta no meio artístico, não português mas mundial. Uma falta de risco tremenda", afirmava o próprio pianista ao DN em dezembro de 2005.

Na altura acabava de editar em CD a banda sonora de *Alice* (2005), filme de Marco Martins. Foi a primeira de três bandas sonoras de Bernardo Sasseti editadas em disco (seguiram-se as de *Um Amor de Perdição* e de *Second Life*, de 2009).

Mas compôs para muitos mais filmes, nomeadamente para *Quaresma* (2003), de José Álvaro Morais, *O Milagre Segundo Salomé* (2004), de Mário Barroso, *A Costa dos Murmúrios* (2004), de Margarida Cardoso, *88 Ocasões* (2006), de

Fernando Lopes ou *Como Desenhar Um Círculo Perfeto* (2009), também de Marco Martins.

Um fascínio pelo cinema

Mas era ainda uma criança quando esse fascínio pela sétima arte começou a nascer de forma mais intensa. Aos 12 anos "fez-a-se" na Cinemateca Portuguesa e aí vê de fio a pavio quase a filmografia inteira de Alfred Hitchcock. "Porque os meus pais não me deixaram. Enfim, nessas idades não se pode querer tudo", escreveu o próprio num texto de apresentação da música original que compôs para *Maria do Mar* (1930), filme mudo de Leitor de Barros.

Esse ciclo de Hitchcock na Cinemateca é um momento-chave porque, como afirmou ao DN numa entrevista em 2009, foi aí que se começou a perceber "a importância da música para cinema". Já nessa altura havia uma grande de-

dicção à sétima arte: "Todos os anos passei a acompanhar aí os grandes ciclos de cinema e dedicava-me a escrever, ainda à máquina, a sinopse de todos os filmes que via", confessou na altura. Mais tarde viria a ser convidado pela Cinemateca Portuguesa para acompanhar filmes mudos, em improviso de piano solo. Acompanhou sessões de filmes de Ernst Lubitsch ou do português *Os Crimes de Diogo Alves* (1911), de João Tavares.

Foi também nessa altura que foi convidado por João Bernardo Costa a musicar o referido *Maria do Mar*, então com vista a uma edição em DVD do filme restaurado com a música que iria compor. O projeto não se concretizou logo, mas espera-se que ainda este ano veja a luz do dia.

Se em junho passado a Casa Bernardo Sasseti decidiu iniciar o seu plano de celebração da obra do músico com a projeção, no Teatro Nacional de São Carlos, do filme de Leitor de Bar-

ros, acompanhado com a música do pianista, interpretada pela Orquestra Sinfonietta de Lisboa (dirigida por Vasco Pearce de Azevedo), Francisco Sasseti e Filipa Pais, a escolha não foi um mero acaso. A obra começou a ser composta por Bernardo Sasseti no verão de 1998, tinha então 28 anos. Ainda não se tinha dado a "explosão mediática" proporcionada com o álbum *Nocturno* (2002), nem o trabalho para o cinema era tão intenso como veio a ser. E no entanto, uma vez que na altura não ficou inteiramente satisfeito com a composição, foi reescrevendo-a, só a concluindo 12 anos mais tarde, quando a gravou pela última e definitiva vez. "Foi uma peça que acompanhou toda a nossa vida, esteve sempre presente", lembra Beatriz Batarda.

Já o maestro Vasco Pearce de Azevedo, que esteve envolvido em todo este projeto desde a sua génese, quando a composição foi pensada apenas para um agrupamento de câmara e não

para orquestra, como veio a concretizar-se, afirmou ao DN: "Como músico de jazz ele via muito na improvisação. Determinadas coisas para um músico de raiz dita clássica, algo que repertório no álbum *Motion* (2010). A imagem esteve também marcadamente presente em *Unreal: Sidewalk Cartoon* (2006), projeto ambicioso que levou não só ao lançamento de um álbum, mas à edição de um livro e à criação de um espetáculo (onde participaram o coletivo Drumming, a atriz Beatriz Batarda, músicos como Alexandre Frazão, Perico Sambeat, José Salgueiro e Rui Rosa) onde chegaram a ser reveladas imagens de um filme musical em animação realizado pelo músico. A música, as imagens e as suas histórias e o universo da palavra unidos numa só obra. "Unreal - um hino ao desenvolvimento da classe dos trabalhadores, artífices e operários por conta d'outrem; música; visão; imaginação; entrega; solicitação; aventura; mistério; paixão; "Documentária"; desventura; solicitação; desenvolvimento; entrega; música; visibilidade; delírio; falácia; zombaria; e experiências científicas na península de Quasi-algares", descreveu o autor o músico na sinopse do projeto.

Unreal: Sidewalk Cartoon é um álbum extremamente complexo e estimulante e pode-se dizer que está mais próximo da face jazzística do músico. No entanto, o jazz de Bernardo Sas-

setti nunca esteve longe da música clássica, evidenciando ecos de temas de raiz popular portuguesa. Um trabalho claramente diferente do minimalismo que anos mais tarde viria a caracterizar a banda sonora de *Alice*, que lhe deu bastante exposição. Em movimentos circulares, Bernardo Sasseti vai revelando ao piano, nessa obra, a obsessão de um pai (no filme interpretado por Nuno Lopes) numa busca incessante pela filha, desaparecida numa Lisboa que se mostra desencantada, sofredora. Essa Lisboa envolve a música de Sasseti pela inclusão dos ambientes da sonoplastia do filme. O mesmo tema repete-se, encontrando novos olhares em diferentes variações harmónicas e

movimentos musicais, como se vissemos este pai voltando obsessivamente aos mesmos lugares na esperança de encontrar algo que preencha o vazio da perda que sofre.

Desde então que é impossível dissociar a obra musical da cinematográfica, ainda que a música valha por si mesma. "Nem consigo imaginar os meus filmes sem ele (Bernardo Sasseti). É como pensar neles com outros atores. Na verdade, é mais que isso. A música aqui tem uma importância quase como a história", disse em setembro passado ao DN o cineasta Marco Martins, a propósito da homenagem então organizada pelo Teatro São Luiz. "Vim a trabalhar juntos anos depois na banda sonora de *Como Desenhar Um Círculo Perfeto*. Mas a constante ebulição criativa do pianista levou-o a comportar muito mais música inspirada pelo filme, que acabou por não ser utilizada, tendo por isso criado um concerto especial no Teatro Maria Matos, em Lisboa, com os pianistas Mário Lagninha e João Paulo Esteves da Silva e ainda os protagonistas da longa-metragem, Joana de Verona e Rafael Morais.

Alice tinha sido um momento definidor no percurso do músico. O próprio confirmou ao DN numa entrevista a propósito dessa banda sonora: "Tanto a música deste filme como a relação que tive com o realizador José Álvaro Morais [autor de *Quaresma*] ensinaram-me a olhar para a composição e para a música sem qualquer tipo de complexos. Não estou à procura de um som jazzístico nem clássico. Não sei explicar o que é, mas há qualquer coisa dentro de mim que faz que tenha esta necessidade enorme de colocar estas ideias musicais cá para fora."

Entre a música e a imagem

No mesmo ano de *Alice* lançou também essa obra-prima (há que definir as coisas pelo seu real valor) que é *Ascent* (2005) que, dando azo a essa necessidade de colocar "cá para fora" todas as suas ideias musicais, recuperou algumas das composições feitas para o filme *A Costa dos Murmúrios*, ainda que retrabalhadas em novas versões.

Ascent é também um disco que assinalou uma clara relação da obra musical de Sasseti com a imagem, em particular com o universo da fotografia (à qual se dedicou durante anos com a mesma seriedade que a música), algo que repertório no álbum *Motion* (2010). A imagem esteve também marcadamente presente em *Unreal: Sidewalk Cartoon* (2006), projeto ambicioso que levou não só ao lançamento de um álbum, mas à edição de um livro e à criação de um espetáculo (onde participaram o coletivo Drumming, a atriz Beatriz Batarda, músicos como Alexandre Frazão, Perico Sambeat, José Salgueiro e Rui Rosa) onde chegaram a ser reveladas imagens de um filme musical em animação realizado pelo músico. A música, as imagens e as suas histórias e o universo da palavra unidos numa só obra. "Unreal - um hino ao desenvolvimento da classe dos trabalhadores, artífices e operários por conta d'outrem; música; visão; imaginação; entrega; solicitação; aventura; mistério; paixão; "Documentária"; desventura; solicitação; desenvolvimento; entrega; música; visibilidade; delírio; falácia; zombaria; e experiências científicas na península de Quasi-algares", descreveu o autor o músico na sinopse do projeto.

Unreal: Sidewalk Cartoon é um álbum extremamente complexo e estimulante e pode-se dizer que está mais próximo da face jazzística do músico. No entanto, o jazz de Bernardo Sas-

Continua na página 20

BERNARDO SASSETTI: A ARTE COMO LIBERDADE

Continuação da página 19

setti nesta altura era claramente distinto daquele com que se estreou nos anos 90 com *Sasseti* (de 1994 e que contou com a participação de Paquito D'Rivera). Tanto este último como o sucessor *Mundos* (1996) mostram uma outra vertente do pianista que a generalidade do público desconhece, caracterizando-se mais pelas suas relações com a música latina do que com o caráter melancólico dos trabalhos editados já em pleno século XXI.

Raízes no jazz

Como já tinha sido referido, mesmo que a educação musical do pianista tenha passado pela vertente clássica e as idas regulares a São Carlos, ao travar conhecimento com os primos (em terceiro grau) Moreira dá-se a iniciação jazzística. "Passamos a viver em conjunto essa procura incessante da linguagem jazz, durante grande parte da adolescência e princípios da idade adulta. Foram tempos memoráveis que passamos juntos mas foi individualmente (quase secretamente) que me lancei na procura das notas, tecla por tecla, acorde por acorde, som por som", escreveu o próprio músico em fevereiro de 2005, num texto intitulado "Pianistas, pianistas, pianistas..." e divulgado no seu site.

Tinha apenas 17 anos quando começa a tocar no quarteto do saxofonista Carlos Martins (através de quem, curiosamente, viria a conhecer o maestro Vasco Pearce de Azevedo, com quem trabalhou com regularidade) e no Moreira's Jazzet. Mas a história do seu percurso no jazz não pode ser contada sem lembrar o papel decisivo do trio que liderou, constituído pelo contrabaixista Carlos Barreto e o baterista Alexandre Frazão. Com o primeiro deu a sua primeira *jam session*, ainda nos anos 80, no antigo Hot Clube, em Lisboa. "Uma das sessões extraordinárias que se prolongavam pela noite dentro até à hora de sair mesmo a tempo de tomar o pequeno almoço", confessava Sasseti no texto de apresentação do álbum *Ascent*.

ESPERA-SE QUE ESTE ANO SEJA EDITADO UM CD COM A MÚSICA QUE BERNARDO SASSETTI COMPOU PARA O FILME 'MARIA DO MAR' (1930), DE LEITOR DE BARROS

Mas na verdade nos anos 90 a carreira de Bernardo Sasseti estava mais concentrada em Londres do que em Portugal. Trabalhou então com músicos como Freddie Hubbard, Benny Golson, Curtis Fuller, Andy Shepard, Art Farmer ou Eddie Henderson. Chegou ainda a gravar com o quinteto de Guy Barker o álbum *In to the Blue* (1995). Foi esse trabalho que lhe possibilitou participar na banda sonora (e no filme) *O Talentoso Mr. Ripley* (1999), de Anthony Minghella, protagonizado por Matt Damon. O músico ouviu o disco e disse: "quero aquele quinteto no meu filme". Foi uma experiência fantástica. Saber que jámos não só gravar mas interpretar músicos de jazz dos anos 50 foi uma notícia esmagadora. Foi aí que o bichinho do cinema voltou, porque na altura eu era só jazz", lembrou ao DN em fevereiro de 2009.

Também no jazz a versatilidade marcou o percurso do pianista e o álbum *Nocturno* (editado pela Clean Feed, a editora à qual ficou ligado daí em diante) marcou um outro ponto de viragem. Gravado na Quinta de Belgais, de Maria João Pires, ao lado de Carlos Barreto e Alexandre Frazão, *Nocturno* revela um músico que percebe que na contença pode estar o ganho, delineando uma personalidade vinculada na forma como aborda a linguagem jazzística, sem deixar de transpor referências a esse nome maior que é Bill Evans. Foi também um dos seus maiores sucessos comerciais e um dos discos mais vendidos da Clean Feed. A propósito desta meditação o pianista afirmou em 2004 ao então jornal *Blitz*: "Não acredito que isto possa voltar a acontecer. A realidade é que houve uma série de energias que levou a que o disco vendesse o que vendeu. Que é pouco para um cantor pop, mas para mim é e foi muito gratificante. Achei fantástico. Neste mundo que está transformado num gigantesco restaurante, como diz Woody Allen - andamos todos a comer-nos uns aos outros - o lado comercial é talvez a coisa que menos me preocupa. Mas nunca imaginei que fosse possível e até cheguei a pensar que havia alguma coisa que estava mal. A sério. Não é música pensada para vender, nem nunca pensei em fazer música para

agradar às pessoas. Faço a música que me sai dos dedos".

O mesmo trio viria a acompanhá-lo em *Ascent* (que ainda contou com a participação de Jean François Lezé no vibratone e Adja Zupancic no violoncelo) e *Motion* (2010). Progressivamente foi-se libertando de amarras estilísticas, cruzando referências do jazz, da clássica e da contemporânea, cimentando assim uma personalidade musical (e uma técnica irrepreensível) que são irrepetíveis. Aliás, em março de 2010, aquando do lançamento de *Motion*, Bernardo Sasseti afirmava ao DN: "Isto não é jazz na mais pura das definições e a realidade é que nos estamos nas tintas para isso. Nós os três temos uma vivência do jazz muito forte, mas sentimos que é muito mais interessante ir à procura de outras coisas". Ligado a esse álbum estava a trabalhar na realização de um filme, recorrendo à fotofilmagem, e a fazer primeiras imagens foram reveladas no Grand Auditório do Centro Cultural de Belém.

O gosto da partilha

Foi esse palco diversas vezes ao longo da sua carreira. Várias delas ao lado do também pianista Mário Lagninha, com quem manteve uma forte amizade e um trabalho constante ao longo de mais de uma década. Partilharam o palco do CCB em mais que um concerto dos 3 Pianos (ao lado ainda de Pedro Burmester) ou do projeto *Vadios* com o fadista Camané, e cujas gravações chegaram a estar agendadas. Mas a primeira parceria entre os dois data de 1999, como contou Mário Lagninha ao DN: "Fomos convidados para fazer um concerto partilhado no festival jazz em Agosto. Fizemos uma parte a solo cada um e uma em duo. Gostámos tanto que decidimos continuar". E continuaram. Quatro anos mais tarde lançaram um álbum conjunto, *Mário Lagninha & Bernardo Sasseti* (2003), uma preciosidade que é o espelho de uma extrema cumplicidade entre os dois pianistas. Já em 2004 saiu também em duo *Grândolas*, que, como recordou Mário Lagninha, "nascu de uma encomenda do Ruben de Carvalho, com

música ligada ao 25 de Abril e outras revoluções noutros países".

Essa parceria voltaria a ser cimentada um ano depois quando integraram (com Pedro Burmester) o projeto 3 Pianos, que nesse ano lotou o CCB. Voltaram à mesma sala em 2006 para mais dois concertos esgotados e um ano depois lançaram em CD e DVD a gravação desse momento. Regressaram novamente no final de 2011, com um novo repertório, que integrou música brasileira (nesse ano lotaram por três vezes a sala São Paulo, no Brasil).

Juntos criaram ainda um espetáculo em homenagem a Amália Rodrigues, intitulado *Trago Fado nos Sentidos*, que teve lugar na Casa da Música e na Aula Magna. "Em todos os trabalhos conjuntos e na preparação de concertos com novos repertórios, foi sempre indescritivelmente divertido e estimulante ensinar e trabalhar com o Bernardo. A ausência de preconceitos e uma exigência muito grande com o resultado final - sem nunca deixar de ter humor - sempre foram contagiantes".

Também o maestro Vasco Pearce de Azevedo recordou ao DN esse humor contagiante do pianista: "Por vezes era preciso travar um pouco esse entusiasmo. Num contexto com poucas pessoas, esse entusiasmo contagiava-se e produzia uma energia enorme, mas num grupo muito grande, como é uma orquestra, esse entusiasmo tem de ser controlado ou não se consegue trabalhar. Eu chegava a ser um pouco chato com ele".

Se, com Mário Lagninha, Bernardo Sasseti esteve envolvido em mais que um projeto ligado ao fado, esse foi também um campo em que o pianista se foi relacionando de forma crescente. Aliás, se Vasco Pearce de Azevedo tem já currículo a dirigir orquestras para fado, o seu primeiro contacto, como maestro, com esta música foi através do pianista, quando este o desafiou a fazer arranjos orquestrais para alguns fados de Carlos do Carmo, a propósito da celebração dos seus 40 anos de carreira, no Coliseu de Lisboa, em 2003. "Quando ele tocou comigo no Coliseu eu só pensava 'isto não me está a acontecer'. Sentia que estava a



O músico não só se dedicou ao jazz como compôs para cinema, teatro ou bailado

voar", confessou Carlos do Carmo ao DN. Havia uma grande admiração mútua entre Bernardo Sasseti e Carlos Carmo. Uma das composições da banda sonora de *Second Life* foi mesmo dedicada ao fadista. "Hoje em dia considero que o Carlos do Carmo é, provavelmente, o maior cantor de palavras e comunicador que já ouvi, ao nível de Frank Sinatra. Tem uma afinidade incrível, como raramente tenho ouvido", dizia ao DN há sensivelmente quatro anos, antes ainda de ser desafiado pelo fadista para consigo gravar um álbum conjunto, lançado no final de 2010, onde interpretam canções de José Afonso, Jacques Brel ou Faustino, além de dois inéditos. "Eu já cantei com centenas de músicos, orquestras, guitarristas, violistas, portugueses e de outras nacionalidades. Raramente estive tão próximo de uma alma como da alma do Bernardo. Deixa uma perda só comparável à do Ary (dos Santos), que também me deixou um imenso vazio", recordou Carlos do Carmo. Além deste e de Camané, Sasseti também teve uma parceria

com a fadista Katia Guerreiro, no disco *Tudo ou Nada* (2005).

E porque foi um músico que não estabeleceu fronteiras na sua criatividade, além de todos estes mundos, também manteve contacto com diversos músicos ligados ao pop/rock. Ainda em 1994 trabalhou com Luis Repress no álbum *Cumplicidades*. Com os Da Weasel subiu ao palco do Pavilhão Atlântico, depois de já ter participado no disco *Amor, Escárnio e Maldizer* (2007). Antes colaborou com Rui Veloso no seu *A Espuma das Canções* (2005). Mais tarde seria uma das presenças mais marcantes em *Muito Consentimento* (2011) de Sérgio Godinho. E chegou a ter em vista a gravação de um álbum de *standards* de Cole Porter com Manuela Azevedo, vocalista dos Clá.

Mesmo assim, toda a obra musical que deixou não se fica por aqui. Com Beatriz Batarda apresentou em várias salas (nacionais e internacionais) recitais centrados em dois contos de Sophia de Mello Breyner: *A Viagem* e a *Menina do Mar*. Compôs a música para a peça de tea-

tro *Dúvida* (1964), que chegou a ser editada em disco. Quando em 2010 se celebraram os cem anos do Castelo de São Jorge (Lisboa) criou composições inéditas e trabalhou em vídeo que integraram o espetáculo *Histórias do Castelo*. Um ano depois percorreu o País ao lado da Companhia Nacional de Bailado e do espetáculo *Uma coisa em forma de assim*, cabendo a si a composição e interpretação da obra. Antes do seu desaparecimento estava a preparar um novo álbum de piano solo, *Timbútu* (tendo revelado vários vídeos das gravações no Facebook), que seria o sucessor do seu primeiro disco de piano solo, *Indigo* (2004), outra obra maior do seu percurso.

"O Bernardo era de facto um manancial de música inesgotável", refere o maestro Vasco Pearce de Azevedo. Ou como Mário Lagninha descreveu, tinha "um mundo interior muito rico e criativo". E acrescentou: "Ele podia ser caótico a misturar vários dos seus mundos, dando a sensação que aquele caos jamais se ia organizar... Mas ia. Era até bastante obsessivo nos detalhes".

A sua obra prova um talento singular e o seu desperdício em cruzar referências e universos, sempre com uma apurada sensibilidade. Tudo o que deixou torna-se ainda mais surpreendente sabendo que criou tanto até aos 41 anos. Mas ainda há todo um mundo para descobrir e essa é agora a missão da Casa Bernardo Sasseti, empenhada que está na divulgação do seu legado.

✎

- 1) Bernardo Sasseti (1970-2012) - pianista e compositor. Compôs para cinema, teatro, bailado e dedicou-se ao jazz.
- 2) Casa Bernardo Sasseti - foi criada em setembro de 2012 para divulgar a obra do pianista.
- 3) Pedro, Bernardo e João Moreira - os irmãos Moreira fazem parte de uma família judaica para a história do jazz em Portugal e nos anos 80 formaram o Moreira's Jazzet.
- 4) Clean Feed - editora portuguesa de jazz, é considerada uma das melhores ao nível mundial.

Discografia selecionada

'Mundos' 1996 CD, Emarcy 11,90 euros	'Nocturno' 2002 CD, Clean Feed / Trem Azul 11,90 euros	'Mário Lagninha & Bernardo Sasseti' 2003 CD, ONC Produções Culturais 7,99 euros
O segundo álbum de estúdio de Bernardo Sasseti evidencia ligações com a música latina. Perico Sambeat foi um dos músicos que colaborou com o pianista nas gravações deste <i>Mundos</i> . Integra composições como <i>Señor Cáscara</i> , <i>Contigo En La Distancia</i> , <i>Ironia De Um Forró</i> , <i>O Subjectivo</i> e uma homenagem a Duke Ellington.	<i>Nocturno</i> foi o primeiro álbum de Bernardo Sasseti gravado com o seu trio (formado ainda por Carlos Barreto no contrabaixo e Alexandre Frazão na bateria). É um dos seus trabalhos mais bem-sucedidos. Assinalou a sua estreia na editora Clean Feed, tendo sido na altura dirigido com o primeiro Prémio Carlos Paredes.	O primeiro disco que Bernardo Sasseti e Mário Lagninha gravaram em conjunto. Do alinhamento, além de composições da autoria de cada um dos pianistas, é ainda interpretado <i>Take the A Train</i> (de Billy Stayhorn). Um ano depois dos músicos gravarem juntos o álbum <i>Grândolas</i> , a propósito das comemorações do 25 de Abril.

'Indigo' 2004 CD, Clean Feed / Trem Azul 11,90 euros	'Ascent' 2005 CD, Clean Feed / Trem Azul 9,99 euros	'Alice' 2005 CD, Trem Azul 9,99 euros
O seu primeiro álbum de piano solo. Além de várias composições da sua autoria, no disco Bernardo Sasseti reinterpreta ainda temas como <i>My Funny Valentine</i> ou <i>Raise Four</i> (original de Thelonious Monk). A edição dupla deste <i>Indigo</i> integra um segundo CD, intitulado <i>Live</i> , gravado na Quinta de Belgais.	Assinado com um Trio 2 (que é, na verdade, um quinteto), <i>Ascent</i> cruza as heranças jazzísticas do pianista com referências da música clássica. Entram no álbum não só Alexandre Frazão e Carlos Barreto mas também Adja Zupancic e Jean-François Lezé. Alguns temas partilham do filme <i>A Costa dos Murmúrios</i> .	A banda sonora de <i>Alice</i> , filme que foi também a estreia no cinema de Marco Martins, foi a primeira de Bernardo Sasseti editada em CD. Tornou-se também um dos seus trabalhos mais aclamados pela crítica. No álbum o pianista contou com a participação do clarinetista Rui Rosa e do contrabaixista Yuri Daniel.

'Unreal: Sidewalk Cartoon' 2006 CD, Clean Feed / Trem Azul 9,99 euros	'Dúvida (1964)' 2007 CD, Trem Azul 11,90 euros	'Um Amor de Perdição' 2009 CD, Trem Azul 9,99 euros	'Second Life' 2010 CD, Utopia Música 15,90 euros	'Motion' 2010 CD, Clean Feed / Trem Azul 15,90 euros	'Carlos do Carmo & Bernardo Sasseti' 2010 CD, Universal Music 19,90 euros
Projeto ambicioso e conceptual, que não se resumiu à edição de um disco, mas também de um livro e à criação de um espetáculo com componentes multimédia e teatrais. No disco, Bernardo Sasseti contou com a participação do coletivo Drumming e ainda de músicos como Sérgio Carolino ou Perico Sambeat.	A música que compôs para a peça <i>Dúvida</i> , encenada por Ana Luísa Guimarães, foi editada em disco e contou com a colaboração da Orquestra Sinfonietta de Lisboa e do maestro José Salgueiro. Para teatro também já tinha composto para a peça <i>A Casa de Bernarda Alba</i> e para <i>Frei Luís de Sousa</i> , uma leitura encenada por Ricardo Pais.	Bernardo Sasseti compôs a música original da banda sonora da longa-metragem de Mário Barroso, que adapta o romance de Camilo Castelo Branco. Entram no filme Beatriz Batarda e Catarina Wallenstein. Colaboram a Orquestra Sinfonietta de Lisboa (dirigida por Vasco Pearce de Azevedo), José Salgueiro e Rui Rosa.	Na banda sonora do filme realizado por Alexandre Cebrían Valente, Bernardo Sasseti contou com a colaboração da Orquestra Sinfonietta de Lisboa, dirigida pelo maestro Vasco Pearce de Azevedo. O disco inclui a canção <i>The Raven King</i> , interpretada por Old Jerusalem, e uma composição dedicada a Carlos do Carmo.	<i>Motion</i> foi o último álbum que Bernardo Sasseti lançou com o seu trio. O disco abre com uma reinterpretação de <i>Homocromia</i> , tema original de Sparklehorse. O álbum tem ainda um tema dedicado a João Nuno Serra, conhecido como o "Senhor do Adeus", intitulado <i>O Homem Que Diz Adeus</i> .	Para este disco, Bernardo Sasseti foi desafiado por Carlos do Carmo a interpretar em conjunto canções de José Afonso ou Jacques Brel. Do alinhamento fazem parte dois originais, um deles, <i>Retrato</i> (letra de Mário Cláudio e música de Bernardo Sasseti), venceu o Prémio de Melhor Canção pela Sociedade Portuguesa de Autores.